

PRESENÇA DA MULHER NO ENSINO SUPERIOR: concepções de estudantes do Instituto de Formação de Educadores

Felipe Fabricio Genuino Sampaio¹

Francione Charapa Alves²

Resumo: Desde as últimas décadas do século XX até os dias atuais, o número de mulheres na educação superior vem registrando um significativo aumento, no entanto, essa presença ainda restrita. Assim, este trabalho objetiva investigar como as questões de gênero são tratadas nos cursos de licenciatura do Instituto de Formação de Educadores, considerando a percepção dos estudantes. A pesquisa se insere em uma abordagem qualitativa, uma vez que tem nos sujeitos participantes, sua fonte direta de dados. A interpretação dos dados foi ancorada na técnica Análise de Conteúdo. Os resultados levantados evidenciaram que a presença feminina no Instituto de Formação de Educadores requer uma série de melhorias e políticas para tornar a jornada acadêmica menos dificultosa para as mulheres, tanto em aspectos que envolvem coletividade quanto subjetividades. Portanto, faz-se necessário a garantia de condições estruturais e de políticas específicas por parte da Universidade Federal do Cariri para contemplar demandas das estudantes do instituto supracitado.

Palavras-chave: Mulheres; Presença Feminina; Gênero; Educação Superior; Desafios.

PRESENCE OF WOMEN IN HIGHER EDUCATION: Conceptions of students at the Educator Training Institute

Abstract: Since the last decades of the 20th century to the present day, the number of women in higher education has been experiencing a significant increase; however, this presence remains limited. This study aims to investigate

¹ Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Bolsista CNPq. Membro do Grupo de estudos e pesquisas (auto)biográficas em formação docente, interseccionalidade e currículo - GEPAFIC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2801492533367906> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7133-2641>. E-mail: felipe.fabricio@aluno.ufca.edu.br

² Professora Adjunta da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Líder do Grupo de estudos e pesquisas (auto)biográficas em formação docente, interseccionalidade e currículo - GEPAFIC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3924678282455249> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8405-8773> E-mail: francione.alves@ufca.edu.br

how gender issues are addressed in the undergraduate courses at the Institute for Teacher Education, considering the perceptions of the students. The research falls within a qualitative approach, as the participants serve as the direct source of data. Data interpretation was grounded in the Content Analysis technique. The results indicated that the presence of women at the Institute for Teacher Education requires a series of improvements and policies to make the academic journey less challenging for women, both in terms of collective aspects and subjectivities. Therefore, it is essential for the Federal University of Cariri to ensure structural conditions and specific policies to meet the needs of the female students at the aforementioned institute.

Keywords: Women; Female Presence; Gender; College education; Challenges.

PRESENCIA DE MUJERES EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR: Concepciones de los estudiantes del Instituto de Formación de Educadores

Resumen: Desde las últimas décadas del siglo XX hasta la actualidad, el número de mujeres en la educación superior ha registrado un aumento significativo; sin embargo, esta presencia sigue siendo limitada. Este trabajo tiene como objetivo investigar cómo se abordan las cuestiones de género en los cursos de licenciatura del Instituto de Formación de Educadores, considerando la percepción de los estudiantes. La investigación se enmarca en un enfoque cualitativo, ya que los participantes son la fuente directa de datos. La interpretación de los datos se apoyó en la técnica de Análisis de Contenido. Los resultados evidenciaron que la presencia femenina en el Instituto de Formación de Educadores requiere una serie de mejoras y políticas para hacer que el recorrido académico sea menos difícil para las mujeres, tanto en aspectos que involucran la colectividad como las subjetividades. Por lo tanto, es necesario garantizar condiciones estructurales y políticas específicas por parte de la Universidad Federal del Cariri para atender las demandas de las estudiantes del mencionado instituto.

Palabras clave: Mujer; Presencia Femenina; Género; Educación Universitária; Desafíos.

INTRODUÇÃO

Embora, desde a segunda metade do século XX, tenha-se registrado um expressivo crescimento de mulheres na educação superior no Brasil, essa

presença ainda é restrita, estigmatizada e cercada de tensões que dificultam a permanência feminina em cursos de graduação. Ao considerar fatores como classe econômica, raça e maternidade, percebe-se que o ensino superior está longe de ser uma realidade equânime para as mulheres, expondo desigualdades de gênero que exigem políticas públicas e ações institucionais (Cruz, 2019; Júnior, Cardoso, Carvalho, 2023). A presença feminina em cursos de graduação está frequentemente ligada a áreas como enfermagem e pedagogia, consideradas "femininas", enquanto engenharias, economia e física são vistas como "masculinas". Esses estigmas refletem desigualdades de gênero e uma estrutura patriarcal que afeta o acesso à educação superior, perpetuando discrepâncias socioeconômicas entre homens e mulheres. O avanço dos movimentos feministas e a ampliação dos direitos das mulheres resultaram em um aumento significativo da presença feminina no ensino superior, levando a que, no final do século XX, o Brasil registrasse mais mulheres com ensino superior completo do que homens.

Desse modo, “As mulheres assumiram a vantagem nos cursos de graduação e, com o tempo, a ampliaram.” (Santos, Costa, 2019, p. 09). Em contrapartida, trazendo um olhar qualitativo, deve-se levar em consideração que “O intenso avanço do ponto de vista quantitativo [...] mascara alguns aspectos de exclusão e segmentação do processo de entrada das mulheres nas universidades [...] uma vez que a tendência de maior peso feminino nas carreiras de menor prestígio [...]” (Guedes, 2008, p. 125).

O presente trabalho é resultado do projeto de pesquisa intitulado *Interseccionalidade e Gênero no Ensino Superior*, desenvolvido na Universidade Federal do Cariri (UFCA), *campus* Brejo Santo. A presente pesquisa tem por objetivo geral: investigar como as questões de gênero são tratadas nos cursos de licenciatura do Instituto de Formação de Educadores, considerando a percepção dos estudantes. Portanto, se insere em uma abordagem qualitativa, uma vez que tendo o sujeito como fonte direta de dados busca a partir das informações fornecidas, interpretações da realidade feminina no IFE.

METODOLOGIA

A presente pesquisa insere-se em uma abordagem qualitativa, buscando interpretações particulares do objeto investigado, sem restringir análises à quantidade de respostas, mas ao discurso e subjetividade dos participantes (Marconi e Lakatos, 2019).

Utilizamos um questionário online, estruturado em três seções: termo de consentimento, identificação do sujeito e perguntas sobre o escopo da pesquisa. O total é de 12 questões, sendo a última exclusiva para mulheres, com respostas de 23 estudantes dos cursos do Instituto de Formação de Educadores, Campus de Brejo Santo, da Universidade Federal do Cariri, durante o semestre 2023.2.

Para a análise dos dados, optamos pela Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), que classifica o conteúdo textual em categorias, permitindo uma interpretação ampla e robusta.

REFERENCIAL TEÓRICO: PRESENÇA DA MULHER NA UNIVERSIDADE

Historicamente, naturalizou-se a estigmatização dos cursos superiores e da figura feminina na universidade, relegando às mulheres cursos de maior prestígio social (Santos, Costa, 2019). Assim, “dadas as condições sociais, marcadas por hierarquizações patriarcais e econômicas, as mulheres no Brasil chegaram às escolas muito depois dos homens e em condições muito específicas [...]” (Cruz, 2019, p. 118).

Como marca desse pensamento conservador, as mulheres daquele período e ainda hoje, mesmo que estejam ocupando mais os espaços, participam deles de forma estrita. Isso quer dizer que, apesar da ascensão feminina, ainda existem indícios da dominação de gênero. (Faria e Aguiar, 2023, p. 08).

Atualmente, as mulheres têm se feito presentes no Ensino Superior, entretanto, vale destacar que “[...] são maioria nos cursos de graduação do país, em proporção distinta entre os cursos, são também mulheres

trabalhadoras e, seguindo a tradição persistente no Brasil, são ainda as maiores responsáveis pelo trabalho doméstico.” (Barreto, 2014, p. 4).

Na Universidade Federal do Cariri o curso de Pedagogia tem mais de 60% de seu público composto por mulheres, isso é retrato de uma estrutura alicerçada no patriarcalismo que criou uma divisão sexual, a princípio no trabalho e por consequência, na forma que isso reverbera na educação superior.

Os números comprovam que as mulheres são maioria nos cursos superiores, no entanto, elas ocupam majoritariamente as vagas nos cursos de licenciatura e humanas, enquanto os homens são maioria nos campos de engenharias e tecnológicas, o que, em tese, perpetua a tradicional divisão sexual do trabalho e mantém a mulher longe de equidade de gênero no ambiente acadêmico (Nunes, Pina e Silva, 2021, p. 160).

Tal aspecto reverbera a solidificação de um sistema que ainda reproduz restrições e concentrações históricas ao público feminino, bem como, alimenta a imposição de permanentes desigualdades após conclusão da etapa de graduação. Ademais, é preciso levar em consideração que enquanto houver restrições à inserção das mulheres no âmbito acadêmico, continuaremos reproduzindo desigualdades e negando uma equiparação na ocupação de cargos de trabalho, na esfera política, espaços de poder e afins.

O intenso avanço do ponto de vista quantitativo, contudo, mascara alguns aspectos de exclusão e segmentação do processo de entrada das mulheres nas universidades. Igualdade numérica não significa equidade de gênero, uma vez que a tendência de maior peso feminino nas carreiras de menor prestígio e mais mal remuneradas se acentua ao longo do período (Guedes, 2008, p. 125).

O cenário atual demanda ações institucionais que promovam a inclusão de mulheres em áreas tradicionalmente masculinas, iniciando uma ruptura acadêmica e profissional. Essa mudança é essencial para reduzir as disparidades de gênero e desconstruir estereótipos nos cursos superiores. É fundamental que políticas públicas incentivem a presença feminina em ciências exatas e tecnológicas, como enfatizado por Nunes *et al.* (2021). A literatura já aponta

desigualdades de gênero no ensino superior, com mais mulheres matriculadas, mas uma distribuição desigual nos cursos e nas profissões (Barreto, 2014).

Além disso, o gênero influencia o valor social das ocupações e a distribuição das mulheres nas diferentes áreas acadêmicas. Ao refletir sobre a presença feminina no ensino superior, é crucial considerar não apenas dados quantitativos, mas também a emancipação feminina e a diversidade em cargos de poder. Barreto (2014) ressalta que a universidade e a pesquisa têm um papel educacional e político significativo, promovendo a emancipação e uma reflexão crítica da sociedade.

Portanto, é necessário desafiar as normas sexistas que restringem as mulheres a áreas consideradas "adequadas" e fomentar um ambiente que permita a elas explorar diversas vocações, contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao abordar a presença feminina no ensino superior, é crucial considerar não apenas gênero e sexo, mas também raça, classe, faixa etária e outras condições sociais, culturais e econômicas. Ignorar essas intersecções resulta em análises superficiais. Cada marcador social impõe desafios à trajetória acadêmica das mulheres.

Um questionário foi respondido por 23 estudantes do Instituto de Formação de Educadores, sendo 16 do sexo feminino e 7 do masculino. Quanto à raça/cor, 5 se identificaram como brancos/as, 15 como pardos/as e 3 como pretos/as. Entre os brancos, há 3 homens e 2 mulheres; entre os pretos, 3 mulheres, todas do curso de Pedagogia. Dos pardos, 11 são mulheres e 4 homens.

No curso de Pedagogia, 10 estudantes são do sexo feminino e apenas 1 masculino. O segundo curso com mais respondentes foi Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais e Matemática, com 7 discentes (3 mulheres e 4 homens). A faixa etária mostra que 65,2% dos/as discentes têm

entre 18 e 24 anos. Para proteger a identidade dos participantes, usaremos DM e DF, seguidos de um número correspondente.

Percepções de gênero

Na primeira pergunta específica do questionário, foi feita a seguinte indagação: o que você entende por gênero?

Observamos respostas que seguiram caminhos distintos, enquanto alguns apontaram gênero em um sentido orgânico, outros apontaram em uma abordagem sociocultural. Portanto, já temos um indicativo de que o entendimento sobre gênero é imbuído por aspectos variados e está sob influência das experiências de vida e de estudos e a questões particulares do sujeito. É válido ponderar que na escola básica as discussões que envolvem gênero costumam se restringir ao biológico e a dicotomia feminino e masculino. Vejamos algumas respostas:

Gênero pra mim é se é feminino ou masculino, homem ou mulher. DF7

Distinção entre os "sexos". Sexo masculino e sexo feminino. DF8

A definição de ser homem ou mulher. DF9

Sexualidade do indivíduo. DM17

Percebemos uma compreensão mais objetiva e simplificada sobre gênero. Apesar do termo possuir significados mais amplo, atualmente, observa-se nas respostas, sentidos atribuídos que caminham de encontro às definições de gênero, até porque estamos diante de um termo complexo com diferentes determinações, e que sobretudo, constrói-se a partir da sexualidade e da identificação com feminino e masculino. “Gênero” é um conceito debatido e ressignificado no campo dos estudos feministas e ainda de difícil compreensão em geral. A partir de sua generalização, tem se tornado praticamente sinônimo de “sexo” na linguagem comum e até mesmo acadêmica [...] (Carvalho, Rabay, 2015, p. 119).

Deve-se destacar também que há nuances significativas quando definimos gênero a partir do sexo e das características físicas do indivíduo que o definem como homem ou mulher, pois, quando atribuímos o significado a partir das percepções físicas acabamos gerando uma definição alicerçada na genitália e características corporais, como observamos na resposta DM1. Desta forma, acabamos cometendo equívocos, e por consequência colocando identidades, experiências e traços culturais e sociais em detrimento de uma definição orgânica e dicotomizada. Ainda sobre o DM1, é importante destacar que é iniciante do curso de física, curso esse que segundo a própria matriz curricular³, não tem nos dois primeiros semestres quaisquer disciplinas que remetam diretamente às questões de gênero.

Dando prosseguimento, outras respostas que merecem bastante atenção refere-se à atribuição do gênero a comportamentos e papéis sociais designados, portanto, pode-se reforçar aspectos que remetem a questões do que se entende por valores morais.

Gênero é um conceito complexo e multifacetado que se refere aos papéis sociais, comportamentos, expressões e identidades que são culturalmente associados ao sexo biológico. DM5

Gênero é o conceito que diz respeito ao papel associado a um determinado indivíduo tomado como pressuposto o sexo biológico do mesmo. Um exemplo é o papel de brincar de boneca associado a uma criança do sexo feminino, que "seria coisa do gênero feminino", e por isso "não deveria ser praticado pelo semelhante do gênero masculino". DM14

É um conceito que diz respeito aos papéis sociais e comportamentos que culturalmente foram associados ao sexo biológico das pessoas. DF18

Características e comportamentos socialmente construídos que uma sociedade considera apropriados para homens e mulheres. DF19
Acredito que seja um conceito designado aos papéis sociais das pessoas e que a partir disso obteve uma associação aos sexos biológicos das pessoas. DF20

³ <https://www.ufca.edu.br/cursos/graduacao/fisica/>

A princípio, é importante observarmos que as respostas proferidas por DM5, DF18 e DF20, já de forma direta e clara seguem uma linha de associação do gênero ao sexo da pessoa, prevalecendo uma visão ainda dicotomizada, que acaba se restringindo ao masculino e ao feminino. Já na resposta DF19, não é reforçado a ideia de associação de forma direta, mesmo assim, fica posta. Nessas respostas, apesar de um reforço da concepção dos papéis sociais, observamos uma linha de entendimento que se segue desde as respostas apresentadas anteriormente, pois, apesar de distintas compreensões a respeito do escopo da pergunta, nota-se que o sexo é destacado como aspecto base e praticamente indispensável na formação do entendimento de gênero. Mesmo que considerando aspectos socioculturais, não há uma compreensão do gênero integralmente desvinculada do sexo.

Todavia, nos dados apresentados, chamam atenção dois pontos colocados pelos sujeitos. 1) *culturalmente foram associados ao sexo biológico das pessoas* e 2) *socialmente construídos*. Neste sentido, devemos destacar que há um entendimento entre esses sujeitos de que a formulação do gênero está embebida de artefatos culturais e das estruturas sociais, pois, como bem salienta Louro (2007), as possibilidades e entendimentos sobre o que é gênero se ampliaram, a contemporaneidade multifacetada não permite um significado uniforme e simplório acerca do termo e das questões subjacentes.

Fazendo ponte com as discussões supracitadas, ainda se tratando da primeira questão específica, apresentamos algumas respostas que em partes seguem consonantes às que foram apresentadas, mas que já trazem uma noção mais amplificada acerca do termo em análise aqui.

No tocante às percepções de gênero: aspectos socioculturais, históricos e subjetivos, temos:

Gênero não está relacionado a uma categoria, essencialmente, biológica. Nesse caso, o gênero é construído socialmente, culturalmente e historicamente nas relações sociais. DM2 Entendo que gênero é o nome dado para o sexo que a pessoa se identifica, se a pessoa é homem, mulher e entre outras identidades. O gênero é atribuído socialmente, não é algo biológico, mesmo que

um exemplo eu seja mulher por ter órgão genital feminino não significa que me identifique com o gênero feminino. DF4

O gênero está ligado a características que a sociedade atribui a homens e mulheres no nascimento. Porém hoje em dia já existe uma sequência de fatores que podem fazer a mudança dessa definição. Pois o modo como o indivíduo se percebe, muitas vezes não corresponder ao sexo atribuído no momento do nascimento. DF6

Gênero é aquilo que a gente se identifica. DF16

Antes de adentrarmos na discussão das respostas, apresentamos o que nos dizem Silva e Lapinski (2019):

Desde a mais tenra idade, os indivíduos são apresentados a determinados modelos de ser homem e ser mulher, padrões que vão sendo construídos baseados na história, na cultura, nos costumes e crenças de determinada sociedade. Cada pessoa pode se identificar com tais modelos ou recusá-los, como também descobrir e inventar novas possibilidades identitárias nessa esfera. Dessa forma, percebe-se que as masculinidades e feminilidades não são um dado biológico, mas uma construção social, histórica e subjetiva (Idem, 2019, p. 19).

Se compararmos as respostas DM2 e DM1, observamos uma discrepância significativa nas concepções de gênero. Essa diferença evidencia que a abordagem biológica é insuficiente para categorizar gênero, que deve considerar aspectos sociais, culturais e históricos. A evolução dos movimentos feministas e da comunidade LGBTQIA+ trouxe mudanças que moldaram nossas compreensões sobre masculinidade e feminilidade.

Analisando as respostas DF4 e DF6, vemos um padrão de ruptura em relação às respostas iniciais, indicando que o sexo não determina exclusivamente o gênero. As últimas respostas mostram uma integração das influências culturais e sociais no entendimento de gênero, sugerindo uma diminuição da codependência entre os termos.

Destaca-se também a subjetividade, como evidenciado na resposta DF16, onde experiências socioculturais moldam a percepção individual antes de impactar o coletivo. Portanto, a identificação pessoal é crucial para discussões sobre gênero. No geral, embora as respostas não sejam uniformes, há um consenso sobre a interconexão entre gênero, sexo, cultura e história.

Ser mulher no ensino superior

Após o levantamento de dados da pesquisa, na próxima questão específica perguntamos: "O que é ser mulher no ensino superior?" Vamos começar com algumas respostas de homens, para depois comparar com as respostas femininas.

Não saberia responder essa questão, por não ter a dimensão conjuntural que as mulheres enfrentam nos demais espaços, incluindo o acadêmico. (DM2)

Na nossa sociedade, sempre foi bem dividido o que seria um curso 'de mulher' ou 'de homem'. Isso se nota em cursos como nutrição e enfermagem, enquanto nas ciências as mulheres perdem espaço. Fico feliz em ver que esses conceitos estão sendo desconstruídos e que mais mulheres estão ganhando espaço nas ciências. (DM10)

Ser mulher no ensino superior é um desafio, visto que, alguns anos atrás, esse não era um lugar para mulheres, e esse espaço teve que ser conquistado com lutas e sacrifícios. (DM14)

Essas respostas refletem diferentes compreensões sobre a presença feminina no ensino superior. A primeira resposta destaca que a jornada acadêmica das mulheres é vista apenas como um assunto feminino, mas é crucial que homens também participem dessa discussão. O reconhecimento do papel masculino é fundamental para desconstruir preconceitos e desigualdades.

A resposta DM10, em contrapartida, demonstra uma percepção da divisão de cursos por gênero e das desigualdades enfrentadas pelas mulheres na ciência. Ele menciona a necessidade de valorizar o que foi e é produzido por mulheres, o que pode atrair mais mulheres para áreas como física e química. Já DM14 reafirma essa linha ao reconhecer os sacrifícios históricos que permitiram a ascensão das mulheres ao ensino superior.

Outras respostas masculinas expressam que a presença feminina está crescendo e que isso deve ser respeitado, refletindo um reconhecimento de que o ensino superior é também um espaço para mulheres. Assim, as respostas masculinas podem ser divididas em duas linhas: uma que aborda os desafios históricos e outra que ressalta o progresso e a aceitação das mulheres no ensino superior.

Agora, vejamos algumas considerações das mulheres participantes:

Ser mulher nesse espaço que foi construído para o homem é uma quebra de tabu, uma conquista, um progresso, mas também traz desafios. (DF3)

Ser mulher no ensino superior é sinônimo de satisfação e insegurança. Satisfação pela importância da presença feminina, mas insegurança por causa do sexismo e machismo presentes. (DF4)

É ser uma evolução em meio a tanto preconceito. (DF9)

Enfrentar desafios únicos, como desigualdade salarial e discriminação de gênero. (DF19)

Essas respostas evidenciam uma compreensão das desigualdades de gênero e de suas barreiras. A presença feminina no ensino superior é vista como uma conquista coletiva, resultado de lutas históricas. No entanto, persistem questões a serem superadas, refletindo a complexidade do tema.

O panorama sugere que, apesar dos avanços, a inclusão feminina ainda enfrenta retrocessos e contradições (Santos e Costa, 2021, p. 17). A necessidade de ações institucionais que abordem as desigualdades de gênero é evidente. A insegurança relatada por algumas participantes evidencia que, mesmo com o aumento do acesso, o ambiente acadêmico ainda é marcado por opressões.

A resposta DF19, que menciona "desafios únicos", ressalta a subjetividade da experiência feminina no ensino superior. É fundamental reconhecer que, embora as análises masculinas possam ser bem-intencionadas, elas não capturam totalmente as vivências das mulheres. A resposta vem de uma mulher negra, trabalhadora, com 30 anos, cujos marcadores sociais impactam seu percurso. Além disso, as desigualdades de gênero se estendem à esfera profissional, com a graduação nem sempre garantindo equidade nas oportunidades de trabalho. A presença feminina nos cursos não oculta os desafios, e os dados podem sugerir uma equidade que não é refletida nas realidades diárias das estudantes.

A resposta de DF21 menciona o machismo como um fator que dificulta a permanência das mulheres no ensino superior. Apesar de a presença feminina

ser superior à masculina, muitas abandonam a graduação por compromissos familiares.

Outras respostas femininas enfatizam a conquista de estar no ensino superior:

É uma grande conquista para a mulher, pois ela tem o direito de ser livre e estar onde quiser. (DF6)

Ser mulher no ensino superior é enfrentar barreiras, mas também encontrar voz e poder. (DF8)

É ser batalhadora, forte e ter superado desafios para acessar a universidade." (DF16)

Essas respostas transmitem gratidão e reconhecimento da importância da presença feminina na academia, refletindo um desejo de autonomia e liberdade. A resposta DF6, por exemplo, sublinha a ruptura com os estereótipos que limitam as mulheres. A resposta DF8 destaca o papel da universidade como espaço de empoderamento, e DF16 reforça a valorização da luta das mulheres na academia.

Comparando as respostas masculinas e femininas, é evidente que as percepções femininas são mais carregadas de significados pessoais. Enquanto as respostas masculinas refletem um entendimento das desigualdades de gênero, elas estão mais orientadas por perspectivas teóricas e observações do cotidiano.

Desafios enfrentados por mulheres acerca do acesso e permanência à educação superior: percepções masculinas e femininas

Partimos para a pergunta específica seguinte: *quais os desafios que a mulher enfrenta para ter acesso e permanência no ensino superior?*

Assim como em questões anteriores, dividiremos as respostas de homens e mulheres, uma vez que as respostas femininas se baseiam em experiências próprias, enquanto as masculinas são de observações do dia a dia, e não

necessariamente do que sentem na própria pele. Primeiramente, apresentamos as percepções masculinas:

Em minha concepção, seria a questão de ser mulher e estar ocupando espaços que historicamente foram ocupados por homens. Então, para a mulher permanecer no espaço acadêmico é necessário romper os estereótipos misóginos. DM2

Tomando como exemplo uma mulher que tem filhos e é mãe e pai, os desafios passam a ser maiores, pois muitas vezes ela será prejudicada academicamente por não ter o apoio necessário para conseguir permanecer. Acredito ter visto 2 colegas minhas abandonarem por conta da gravidez... O que é uma situação delicada de se comentar, pois ela não fez a criança sozinha, e mesmo após o desmame da criança, o pai muitas vezes não quer assumir a responsabilidade para a mulher estudar. Ainda vivemos em uma sociedade retrógrada nesse ponto. DM10

A seguir, as percepções femininas:

São vários desafios entre eles, a desvalorização dos conhecimentos acadêmicos das mulheres em relação ao homens, ou seja, a ideia de que os homens sabem mais; a maternidade também é um desafio pois a mulher que tem filho ou tá gestante já consiste em uma demanda a mais relacionado aos cuidados que precisam ter com os filhos e conciliar com as demandas da universidade e também os cuidados na gestação. DF3

Muitos desafios, o fato de ser esposa, mãe, trabalhar, ter mais pressão social e financeira e o fato de resistir ao capacitismo e sexismo. DF4

As mulheres enfrentam uma série de desafios para acessar e permanecer no ensino superior, incluindo desigualdade de oportunidades educacionais, pressões familiares e sociais, discriminação de gênero, falta de representatividade em certas áreas acadêmicas e o impacto de responsabilidades domésticas e cuidados familiares. Superar esses desafios requer a implementação de políticas e práticas que promovam a igualdade de gênero, o empoderamento das mulheres e a criação de ambientes acadêmicos inclusivos e seguros. DF19

A resposta de DM2 remete a uma necessidade ruptura com padrões e estereótipos que negam o espaço acadêmico às mulheres. Se compararmos a primeira com as demais respostas expostas, notamos um contraste significativo, pois enquanto uma faz referência a questões como estereótipos e histórica masculinização acadêmica, as outras elencam uma série de questões que

contribuem na formação de dificuldades para as mulheres entrarem e permanecerem na universidade. Nessa discussão não há como negar uma gama de rotulações e marcas históricas que promoveram estereótipos e por consequência uma divisão sexual dos cursos de graduação e de muitas profissões. Em uma primeira vista, podemos inferir que são os ditos “estereótipos” de forma única e exclusiva que impõem barreiras à presença feminina na academia, no entanto, é preciso refletir e ponderar o que está por trás disso. Uma vez que as formas como enxergam as experiências de vida constroem os padrões discriminatórios que reproduzem desigualdades e violências de gênero. Portanto, podemos dizer que apesar de diferentes as respostas se conectam e se complementam.

Na resposta DM10, temos uma situação interessante destacada pelo autor, a questão da maternidade por discentes da universidade. A maternidade, apesar de ser algo orgânico e natural do ser humano, é um assunto complexo em muitos espaços, inclusive na universidade, principalmente quando tratamos de regiões conservadoras como é o Cariri cearense. Portanto, uma gravidez, a maternidade e seus fatos subjacentes portam também dimensões culturais e afetivas que mudam significativamente a dinâmica estudantil da mulher. Portanto,

É importante sinalizar que conciliar maternidade e estudo sempre será difícil, devido à separação de mãe e filho, que é constantemente reafirmada na sociedade como uma relação de dependência. Porém, é possível e necessário apoiar essas mães em outros aspectos dessa conciliação (Pessanha, 2023, p. 325).

O ponto de partida é entender as questões relacionadas à gestação e à maternidade de estudantes de graduação, promovendo redes de apoio que garantam sua permanência na academia. É fundamental não dificultar o acesso de mulheres gestantes e/ou mães à universidade, já que a gestação pode ser um fator de evasão.

As respostas revelam dois aspectos importantes: o primeiro refere-se aos julgamentos sobre a capacidade feminina para atividades intelectuais, enquanto o segundo aponta para as pressões familiares e sociais que recaem sobre as mulheres graduandas. Essas convenções históricas persistem,

evidenciando a ideia de que o cuidado é uma atribuição feminina, o que alimenta preconceitos sobre a inteligência das mulheres e reforça a expectativa de que elas não podem esquecer suas responsabilidades familiares. Em contrapartida, as cobranças impostas aos homens não costumam criar barreiras semelhantes.

Destacamos a resposta DF19, que menciona desafios e sugere caminhos para mitigar as dificuldades enfrentadas. O desenvolvimento de pesquisas e avaliações institucionais é crucial para entender os anseios da comunidade estudantil e criar ações que melhorem a experiência universitária. Para que a universidade se torne um ambiente justo e inclusivo, é necessário implementar mecanismos de apoio que reconheçam as nuances da experiência feminina. A igualdade de gênero na educação superior não se limita à presença feminina, mas requer ações que garantam condições para o sucesso acadêmico.

Avaliando a Universidade Federal do Cariri e o Instituto de Formação de Educadores

Prosseguimos com o questionamento: *como você avalia a Universidade Federal do Cariri, especificamente o Instituto de Formação de Educadores no que se refere ao atendimento das necessidades do público feminino? Você conhece alguma política de atendimento às mulheres? Comente.* Essa é uma questão de suma importância, pois a partir dela poderemos mensurar de forma mais objetiva e enfática os anseios, dificuldades e tensões vivenciados pelo público feminino dentro da universidade onde se insere essa pesquisa.

Na primeira resposta para essa pergunta o participante DM1, diz: “Acho ótimo. Não”. É uma resposta que chama atenção, pois ao mesmo tempo em que afirma que enxerga como bom o atendimento da UFCA ao público feminino, informa também que desconhece alguma política específica de atendimento às mulheres. Por se tratar de um questionário, não foi possível aprofundar na indagação para entender possíveis porquês da afirmação. De qualquer forma, deve-se presumir que tem, pelo menos na superfície, um entendimento oriundo do que observa no dia a dia no IFE. Deve-se também destacar que a resposta é

proferida por um estudante do sexo masculino, portanto, sua concepção se alicerça em uma perspectiva diferente das mulheres, que experienciam na prática.

Já outro participante do sexo masculino, o DM2, não responde a primeira parte da pergunta, portanto, não avalia. Mas, cita uma política desenvolvida pela UFCA, que é o fluxo sem tabu, importante política que visa garantir que estudantes mulheres em condição de vulnerabilidade socioeconômica recebam ajuda de custo para a compra de absorventes. Aliás, que o fluxo sem tabu, foi o único programa voltado ao público citado nas respostas, quando citado alguma coisa. Agora, para darmos prosseguimento, vamos apresentar algumas respostas para posteriores análises.

Não conheço nenhuma política de atendimento às mulheres na universidade. Vejo por exemplo algumas estudantes mães que não encontram espaço adequado na universidade para seus filhos, como um local para brincarem ou berçários. DF3

Eu avalio como muito precária ainda! Pois fizeram uma ação de doações de absorvente nos banheiros femininos, mas nunca tem absorvente. Outro ponto importante, é que a universidade quase não promove outras ações, voltadas para as alunas/mães, que precisam estudar, mas não tem onde deixar seus filhos. Em outras universidades, existe a sala de apoio, e na nossa infelizmente ainda não tem. DF9

Acredito que a Universidade ainda mantém uma carência em relação aos cuidados com e para as mulheres. Conheço auxílio que se destinam a um apoio às mulheres no período menstrual e acredito que seja o mínimo. DF13

É um espaço que está iniciando suas iniciativas, mas acredito eu, que ainda há muito a se fazer. Sim, só uma a de ciclo sem tabu. DF20

Observamos fragilidades substanciais da instituição no amparo ao público feminino, embora haja reconhecimento de esforços para atender suas demandas. Nota-se, contudo, um desconhecimento das ações promovidas ou sua avaliação como insuficiente. Muitas respostas mencionam o auxílio menstrual, mas é preciso refletir se tal reconhecimento vem do usufruto ou da ampla divulgação do programa. Identificamos dois problemas: 1) A universidade ainda não acolhe efetivamente o público feminino; 2) As ações são insuficientes

e de curto alcance. Há necessidade de melhor planejamento de políticas estudantis e análise das razões para a avaliação negativa da instituição no atendimento às mulheres, além da falta de suporte para mães, como brinquedoteca e ambiente adequado.]

Há ainda muitas questões a serem pensadas e superadas pela instituição. Entre as respostas, também foram captadas respostas que apontam como positivo o trato que é dado ao público feminino, na instituição, especialmente no IFE.

O Instituto de Formação de Educadores-IFE, em minha opinião, é um ambiente extremamente acolhedor e inclusivo. É digno de elogios o fato de sentir-se genuinamente bem recebido pelos professores e funcionários, que constantemente demonstram preocupação com o bem-estar de todos os envolvidos. Não tenho nenhuma ressalva a fazer em relação a isso. No entanto, estou desinformada sobre atendimento especial para mulheres. DF1.

A UFCA- IFE faz um papel muito importante, por sempre levantar pautas relacionadas aos direitos das mulheres e também por exaltar sempre que nós mulheres podemos tudo! DF6.

Nas duas respostas apresentadas nota-se uma satisfação com o acolhimento que o campus promove para às mulheres, o que é importante, um ambiente confortável é essencial para que a jornada acadêmica seja menos dolorosa, e assim tenham melhores condições de concluírem o curso. A UFCA/IFE vem desenvolvendo nos últimos anos, ações e atividades que são importantes para o público feminino, como palestras/oficinas/minicursos acerca de feminilidades e direitos das mulheres, informações sobre a ouvidoria e combates a assédios e violências de gênero, bem como, rodas de conversas sobre as vivências femininas dentro e fora da universidade, além do já relatado auxílio menstrual.

As dificuldades em ser mulher no Instituto de Formação de Educadores

Partimos agora para a última pergunta do questionário, diferente das questões anteriores, essa é uma questão voltada exclusivamente para o público

feminino. A pergunta foi a seguinte: *Quais as dificuldades que você percebe em ser mulher no IFE?*

Se sentir na forma como me comporto e me visto com receio de comentários maldosos. DF3

A única dificuldade que percebi até agora, foi a questão das vestimentas. Pois ao usar algo diferente do "cotidiano" (calça e blusa do curso) as pessoas começam a olhar com estranhamento. E já percebi isso várias vezes, não só comigo, mas com outras mulheres. DF8

É uma luta diária porque a gente precisa manter uma postura correta na maioria dos momentos, se vestir adequadamente pois nos é introjetado que se trata de ambiente que precisa manter uma boa aparência e por causa do curso também. A gente muitas vezes é julgado por demonstrar interesses, particularidades e até mesmo falar algumas coisas que não condizem com a postura da mulher, dentre outras coisas. DF13

Acho que a falta de políticas que seja direcionada às mulheres e principalmente de assistência já que tem mulheres que são mães, que trabalham e estudam e na maioria das vezes não tem um certo amparo em relação a sua permanência na faculdade. DF15

As respostas apresentadas revelam uma série de desafios vivenciados por acadêmicas do IFE, as dificuldades e opressões vivenciadas se alicerçam em um sexismo agressivo que impõe regras e reduz mulheres a corpos. Quando observamos respostas tratando de vestimentas e posturas, percebemos um grande problema. Pois em um espaço que deve ser de formação, promoção de inclusão, igualdade e respeito ainda há uma forte e impactante presença do machismo. Acerca disso, é pertinente ponderar que de forma indireta respondem e/ou se complementam a questão anterior, pois escancara múltiplas questões que a instituição necessita observar e propor alternativas para solucionar as problemáticas.

O discurso machista também é perpetuado institucionalmente e pode ser percebido na mídia, na legislação, nas instituições educativas, sendo uma prática não só estrutural como estruturante em nossa sociedade. Ou seja, ele não só já permeia as estruturas sociais, como atua de forma a direcionar novas iniciativas de manutenção de privilégios do gênero masculino em detrimento do feminino. Nesse sentido, é importante que Instituições de Educação Superior se engajem com estudos informativos e críticos, como o presente,

desenvolvendo políticas e estratégias de enfrentamento, e finalmente implementando ações efetivas [...] (Guilherme *et al.*, 2023, p. 23).

Mediante isso, compreendemos que o machismo se configura como um grande entrave para mulheres no ensino superior, nas respostas, observamos isso quando se impõe necessidade de adequar vestimentas e comportamentos como meio de ser melhor enxergada, bem como, seguir um determinado padrão que se alicerça nas violências de gênero.

Uma das respostas apontou a ausência de políticas específicas para o público feminino. Portanto, suscita uma necessidade de a instituição propor mais políticas que contemplem as necessidades das mulheres na universidade. Ademais, tão importante quanto promover políticas é garantir que elas contemplem adequadamente seu público-alvo, bem como, sejam bem avaliadas e aperfeiçoadas. Como já mencionado anteriormente, a jornada acadêmica de uma mulher é acompanhada por uma série de questões internas e externas que influenciam o seu percurso, muitas vezes impondo limitações no prosseguimento de seus estudos. Portanto, convém a instituição entender as nuances e peculiaridades do público feminino e assim garantir políticas de amparo.

Em outra resposta, tivemos uma afirmação de que há uma distribuição desigual de bolsas na física.

Algumas bolsas de iniciação científica serem destinadas a homens principalmente na física, onde na sua maioria das vezes é vista como inferior ou incapaz de exercer o mesmo desempenho de homem e sendo segunda opção. DF23.

Outro problema que deve ser corrigido o quanto antes, pois, além de se tratar de uma área que foi historicamente masculinizada, é um curso com uma presença ainda tímida de mulheres. Portanto, deve-se atentar às questões que envolvem desigualdades de gênero e garantir equidade no acesso a programas. É através dessa equidade que se inicia uma ruptura com a ideia calcificada de que física é coisa para homem porque mulheres não possuem condições para estudarem as disciplinas do referido curso.

Na resposta participante DF20, foi relatado o seguinte:

A falta de representação de mulheres em cargos de liderança e como modelos e mentores pode ser uma barreira significativa para as estudantes universitárias. DF20

Esta é uma resposta de grande relevância pois, a construção de um ambiente acolhedor perpassa também pela estrutura que compõe a instituição. Quando se há uma diversidade maior em cargos técnicos, docentes e administrativos, bem como, em bolsas de monitorias e afins constrói-se com mais facilidade uma rede de apoio para as mulheres que ingressam em curso superior. A representatividade além do poder de tornar a experiência universitária mais inclusiva e confortável, é também uma válvula impulsionadora nos estudos.

Por fim, tivemos também entre as respostas, aquelas que afirmaram não sentirem nenhuma dificuldade em ser estudante mulher no IFE no caso foram quatro. É um dado importante, pois aponta sinais de que o IFE pelo menos em alguns aspectos consegue ser um espaço inclusivo e acolhedor para com mulheres. Deve-se destacar e ponderar que as experiências são subjetivas, portanto, cada uma vai avaliar sua experiência de um jeito. Ademais, o mais importante é garantir que o público feminino do *lócus* em questão possa ser ouvido e devidamente assistido pela universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, as respostas evidenciam que se tratando de gênero, há ainda interpretações variadas sobre o conceito entre estudantes do Instituto foco da pesquisa. Percebemos que as concepções, apesar de diferentes, em sua maioria se alicerçam nas diferenças sexuais, até mesmo em respostas que fazem a conceitualização usando discussões de cunhos mais socioculturais e menos orgânicos. Mas, o que fica evidente é que o sexo é um aspecto basilar e indispensável na conceitualização de gênero, pelo menos para significativa parte dos/as estudantes que responderam ao questionário.

As percepções e compreensões de gênero foi ponto de partida para o desenvolvimento das análises posteriores, pois, em uma pesquisa que buscou no seu escopo entender desafios e tensões das mulheres durante seu percurso acadêmico no IFE, bem como, o entendimento do que é ser mulher na universidade em perspectivas mais amplas, faz-se necessário entender quais os entendimentos de gênero dos sujeitos da pesquisa.

Diante das respostas analisadas e aqui discutidas, notou-se que a presença feminina na universidade é ainda marcada por uma gama de estigmas. Estigmas esses que fazem com que recaiam sobre as mulheres desafios, cobranças, preconceitos e desigualdades que impõem barreiras no seu percurso acadêmico. Percebe-se também que a jornada de uma mulher na universidade não é marcada apenas pelo que acontece no interior da instituição de ensino superior, mas é também altamente influenciada por fatores e questões externas, às vezes até mais do que internas.

As desigualdades de gênero apesar de despercebidas muitas vezes, ou menosprezadas em detrimento de um discurso meritocrático, faz-se ainda fortemente presente na trajetória de algumas estudantes do IFE. Isso fica evidente em algumas respostas quando tratam da necessidade de adequar vestimentas para evitar constrangimentos, bem como, na ausência de políticas específicas por parte da instituição para contemplar necessidades femininas.

Os resultados levantados mostraram-se de forte relevância, uma vez que permitiu tecer análises acerca da realidade feminina na instituição e ter uma melhor compreensão da jornada enfrentada pelas estudantes da instituição.

Outro fator importante é a presença masculina nessa pesquisa, nas respostas fornecidas por homens conseguimos observar em algumas que há uma sensibilidade e compreensão dos mesmos acerca das desigualdades de gênero existentes no ensino superior. Portanto, constata-se que há um avanço significativo, pois entendemos que igualdade de gênero, combate a opressões e rupturas das estruturas patriarcais não são apenas assuntos de mulheres. Os homens têm um importante papel na redução de discrepâncias e no desmanche de práticas machistas na academia.

Por fim, há ainda uma forte necessidade de ações institucionais para uma melhor recepção do público feminino na universidade, sobretudo, no que tange a distribuição de políticas assistivas, bem como, na edificação de um espaço mais acolhedor para as mulheres que são mães e que por vezes necessitam levar a criança a universidade e até alimentá-la.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Andreia. A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade. **Cadernos do GEA**, v. 6, p. 5-46, 2014. Disponível em: https://biblioteca.flacso.org.br/files/2016/04/caderno_gea_n6_digitalfinal.pdf Acesso em: 18 set. 2024.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; RABAY, Glória. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 23, n. 1, p. 119-136, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n1p/119>. Acesso em: 18 set. 2024.

CRUZ, Maria Helena Santana. Questões sobre as diferenças de gênero no ensino superior. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 114-137, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2019v28n1.24695. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/24695>. Acesso em: 16 jul. 2024.

FARIA, Lia Ciomar Macedo de; AGUIAR, Alexandra Aparecida Silva do Prado de. Memórias e trajetórias femininas no âmbito dos Centros Integrados de Educação Pública. **Educação & Formação**, [S. l.], v. 8, p. e11935, 2023. DOI: 10.25053/redufor.v8.e11935. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/11935>. Acesso em: 13 set. 2024.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013. 256p. ISBN 9788565848084 (broch.).

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000300004>. Acesso em 18 set. 2024.

GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.117-132, jun. 2008. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/3861/386138040006.pdf>. Acesso em: 18 set. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, v. 19, p. 17-23, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2024.

MATTOS, Sandra Jung de; SÁ, Elizabeth. Atuação das mulheres na extensão universitária na Universidade Federal de Mato Grosso. **Educação & Formação**, [S. l.], v. 8, p. e11635, 2023. DOI: 10.25053/redufor.v8.e11635. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/11635>. Acesso em: 18 set. 2024.

PESSANHA, Larissa Figueiredo. Entre livros e fraldas: dilemas e desafios da maternidade durante a graduação. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 306-331, 2023. DOI: 10.7769/gesec.v14i1.1515. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/1515>. Acesso em: 16 jul. 2024.

RICOLDI, Arlene; ARTES, Amélia. Mulheres no ensino superior brasileiro: espaço garantido e novos desafios. **Ex aequo**, v. 33, p. 149-161, 2016. Disponível em: <https://exaequo.apem-estudos.org/artigo/33-mulheres-no-ensino-superior-brasileiro-espaco-garantido-e-nov>. Acesso em: 18 set. 2024.

SILVA JÚNIOR, José Raimundo da; CARDOSO, Fernando da Silva; CARVALHO, Mario de Fária. Universidade e relações de gênero: Narrativas sobre feminilidades e masculinidades na Educação Superior. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023138, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17700>. Acesso em: 18 set. 2024.

SILVA, Ivone Maria Mendes; LAPINSKI, Tatiane Fátima. Universidade: espaço para (re)pensar concepções de gênero, masculinidade e suas implicações na formação de pedagogos. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 18-26, 2019. DOI: 10.14295/de.v7i1.8624. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/8624>. Acesso em: 16 jul. 2024.

ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins; MARTINS, Lucinéia Scremin. Ensino superior e o empoderamento feminino: Percursos possíveis em tempos de pandemia. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. esp.2, p. 1132-1149, 2022. DOI: 10.21723/riaee.v17iesp.2.16985. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/16985>. Acesso em: 16 jul. 2024.

Recebido em: 10/10/2024.

Aprovado em: 17/11/2024.

Publicado em: 04/02/2025.